

O conjunto de metais da Idade do Bronze de Vila Cova de Perrinho (Vale de Cambra, Portugal central) 50 anos após a sua descoberta

Carlo Bottaini

Bolseiro FCT; CEAUCP/CAM, Doutorando em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal)

Alexandre Rodrigues

Mestrando em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Arqueólogo da Câmara Municipal de Vale de Cambra (Portugal)

keret18@yahoo.it

alexanderodrigues@cm-valedecambra.pt

RESUMEN

O presente estudo enquadra-se num trabalho de reavaliação dos contextos arqueológicos da região de Vale de Cambra, neste caso particular dos contextos da Idade do Bronze, a propósito do conjunto metálico, encontrado há 50 anos, no lugar do Rossio, Vila Cova de Perrinho, freguesia do concelho de Vale de Cambra (centro-norte de Portugal).

Inicialmente noticiado como um possível espólio de sepultura, nos anos seguintes, esse conjunto passou a ser considerado como um “depósito” pela literatura arqueológica, sem que nunca se tenham investigado convenientemente as circunstâncias do achado.

Apresentamos um contributo para a compreensão deste achado, ainda presente na memória colectiva da comunidade local, integrando este conjunto metálico na realidade arqueológica da área do Rossio.

Palabras clave:

Idade do Bronze; Metalurgia; Arqueologia do território; Vale de Cambra

ABSTRACT

With respect to a metallic group, found 50 years ago in place of Rossio, Vila Cova de Perrinho, county town of Vale de Cambra (Northern Portugal), this study relates to a reassessment of the work about the Bronze Age archaeological contexts in the region of Vale de Cambra.

Initially reported as possible burial artifacts, in the following years this group came to be regarded as a “hoard” for the archaeological literature, without ever having properly investigated the circumstances of the finding.

We present a contribution to the understanding of this finding, still present in the collective memory of the local community, integrating this metallic group in the archaeological area of Rossio.

Keywords:

Bronze Age; Metallurgy; Archaeology of Territory; Vale de Cambra

Rebut: 1 septembre 2010; Acceptat: 1 decembre 2010

RESUM

Respecte al grup metàl•lic, trobat 50 anys enrere a la Plaça de Rossio, Vila Cova de Perrinho, ciutat comtal de Vale de Cambra (Nord de Portugal), aquest estudi mostra una nova avaluació del panorama de l'edat de Bronze en contextos arqueològics de la regió de Vale Cambra.

Descrit inicialment com possibles artefactes mortuoris, en els anys següents aquest grup va arribar a ser considerat un "tesor" per la literatura arqueològica, sense haver estudiat degudament les circumstàncies del seu descobriment.

Presentem una contribució al coneixement d'aquest descobriment, encara present en la memòria col•lectiva de la comunitat local, integrant aquest grup metàl•lic en l'àrea arqueològica de Rossio

Paraules Clau:

Edat de Cronze, Metalurgia, Arqueologia del territori, Vale de Cambra

INTRODUÇÃO

O Museu Municipal de Vale de Cambra¹ guarda um conjunto de metais encontrados em 1959 ou 1960 em Vila Cova de Perrinho, uma freguesia localizada na parte Noroeste do concelho de Vale de Cambra (Entre Douro e Vouga, centro-norte de Portugal).

A primeira notícia do achado foi divulgada por Domingos de Pinho Brandão, Professor do Seminário Maior do Porto, em 1962, no II Colóquio Português de Arqueologia cujas actas foram publicadas na revista *Lucerna* em 1963. Neste trabalho o autor reconstrói de forma sumária a história do achado, supostamente encontrado por trabalhadores agrícolas ao abrirem uma vala para plantar um eucalipto. Logo após a sua descoberta, o conjunto de metais foi disperso, sucessivamente recuperado e cedido ao Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Vale de Cambra, o Dr. Ems Ribeiro, para que se criasse um possível museu local.

Ainda na introdução dessa comunicação, o mesmo autor avança com a sua interpretação do achado, afirmando que "*estamos, assim o cremos, na presença de um espólio de sepultura*" (Brandão, 1963: 114), sem todavia acrescentar pormenores ou explicações mais detalhadas.

Cinquenta anos após esta descoberta pouco ainda se sabe relativamente às circunstâncias e ao sítio onde terá, exactamente, aparecido o conjunto metálico, estando a memória colectiva do achado ainda viva nos habitantes de Vila Cova de Perrinho. Parece, todavia, ser bastante hesitante e pouco esclarecedora neste sentido, uma vez que escassas e indefinidas foram as informações que conseguimos recolher em trabalho de campo.

As circunstâncias incertas em que o achado se deu, e a escassa visibilidade do contexto arqueológico, reflectem-se na sucessiva literatura da especialidade. Como anteriormente já referimos, Domingos de Pinho Brandão (Brandão, 1963: 114) define o conjunto de metais como um possível espólio de sepultura, parcas informações, afirmadas como um opinião pessoal, que foram anos mais tarde reelaboradas de forma a alterar, sem que novos detalhes relativos à descoberta viessem à luz, a natureza arqueológica do achado.

Em 1977, no celebre livro sobre machados da Península Ibérica, Luís Monteagudo, ao tratar os de Vila Cova de Perrinho, define-os como um "*depot*" (Monteagudo, 1977: n.º 1297A, 1341A, 1387A, 1715A) tornando-os numa realidade arqueológica conceptualmente distinta da originária, isto é, um "depósito", cujo im-

pacto se reflectirá na bibliografia posterior, ao ponto de não se considerar necessário retomar o seu estudo (Silva, 2007: 248).

A correcta identificação dos contextos de origem de achados desta natureza é um problema comum à maioria dos conjuntos metálicos da Idade do Bronze. Passados estes 50 anos sobre a descoberta dos artefactos de Vila Cova de Perrinho, procuramos dar seguimento à proposta de Domingos de Pinho Brandão que, no momento da sua comunicação, afirmava que “*O conjunto merece um estudo mais desenvolvido que reservamos para outra ocasião (...)*” altura em que “*(...) relacionaremos, então, com outros elementos arqueológicos da localidade*” (Brandão, 1963: 114).

CONTEXTO GEOGRÁFICO

O planalto do Rossio, onde foram encontrados este conjunto de metais, é ladeado por dois acidentes orográficos toponimicamente curiosos e fazem desta área um espaço de especial inte-

resse arqueológico. Um deles, a Oeste e com uma altitude máxima de 610 m, denomina-se como Monte Crasto, apresentando uma área superior aplanada e de dimensão razoável, sendo o segundo conhecido como Crasto de Cambra e onde terá existido uma elevação que se erguia acima dos 560 m de altitude, mas cuja morfologia se encontra fortemente alterada pela actividade de uma pedreira.

A delimitação de uma área para o “Rossio” é extremamente difícil do ponto de vista arqueológico uma vez que, considerando unicamente as incidências verificadas em território do concelho de Vale de Cambra, estamos na presença de uma área superior a 1 km². Assim sendo focalizamos a nossa atenção ao espaço onde ocorreram o(s) achado(s), correspondendo ao actual assentamento na extremidade Sul, com cerca de 10 ha e cotado nos 540 m de altitude (Fig.1).

É esta área a que apresenta uma maior regula-

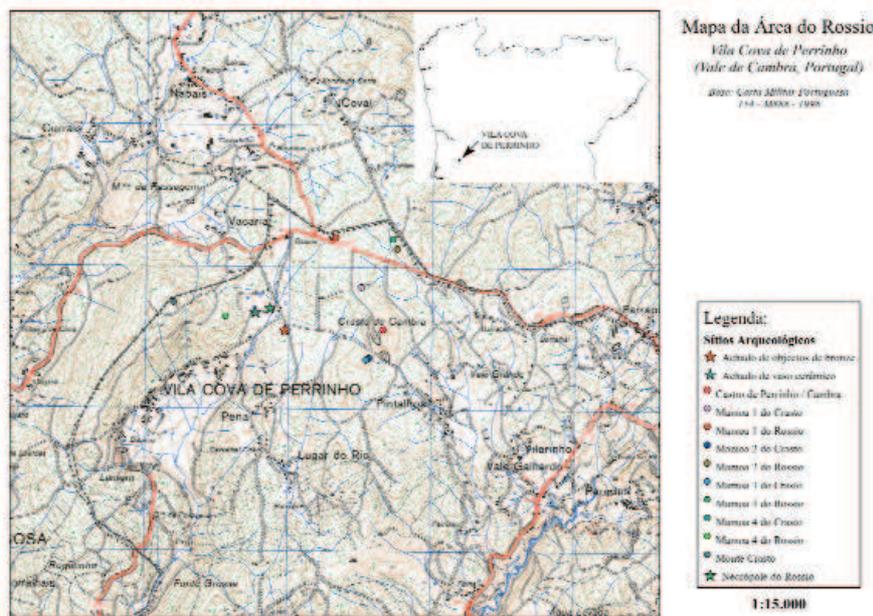


Figura 1 .- Localização de Vila Cova de Perrinho (Vale de Cambra)

ridade no terreno onde, além do estabelecimento do lugar do Rossio, mereceu a criação do seu espaço agrícola de subsistência, sob a forma do minifúndio, beneficiando de duas linhas de água que a atravessam, uma no sentido aproximado Norte-Sul e a outra no sentido aproximado Noroeste-Nordeste. A litologia desta área do Rossio é composta por granitos de tendência alcalina, com duas micas, foliados de grão médio, dispostos numa faixa com o sentido predominante Noroeste-Sudeste (Carta Geológica de Portugal, folha 13-D).

APRESENTAÇÃO DO CONJUNTO METÁLICO: CONTRIBUTO PARA O SEU CATÁLOGO

CARACTERIZAÇÃO TIPOLÓGICA DO CONJUNTO DE METAIS

O conjunto metálico de Vila Cova de Perrinho compõe-se por 12 peças tipologicamente bastante heterogéneas, encontrando-se dois artefactos fragmentados (um punhal e a pulseira).



Figura 2. – Fotografia do conjunto de metais de Vila Cova de Perrinho actualmente no Museu Municipal de Vale de Cambra

Do ponto de vista funcional identificamos 6 utensílios, 2 armas, 2 objectos de adorno pessoal e 4 peças de interpretação duvidosa. Com base nesta divisão preliminar, não podemos deixar de destacar a superioridade numérica dos utensílios (3 machados e 3 cinzeis) em relação às armas e aos objectos de adorno (Fig.2). Em todos os casos tratam-se de produções típicas do mundo atlântico.

Apesar de não ser o objectivo deste trabalho a sua caracterização tipológica, enumeramos os objectos que compõem este “achado”.

ARQ29 - MACHADO DE TALÃO COM DUPLA ARGOLA E PERFIL ROMBOIDAL (195X45X27; 400 GR)

A zona do talão apresenta uma forma rectangular e termina com um septo de divisão sobrelevado e rectilíneo. A face do gume é percorrida por uma nervura que se vai afunilando em direcção à área de corte possuindo, na sua extremidade, dois botões laterais em ambas as faces. O gume encontra-se bastante desgastado mostrando um fio de corte irregular. Uma das argolas encontra-se fracturada. O machado está em bom estado de conservação, apresentando uma patina verde acastanhada homogénea (Fig. 3, n.º 2).

Do ponto de vista tipológico este modelo é de produção tipicamente ibérica, mostrando uma forte presença no Centro e Norte do território português durante todo o Bronze final (Monteagudo, 1977: taf. 140), sendo de tal forma significativa entre os rios Douro e Minho que, no passado, “*tem servido para justificar a aplicação do designativo especial de machados do tipo do Minho a estes instrumentos*” (Pereira, 1903: 132).

Numa escala de análise supra-regional, a sua área de distribuição é bastante ampla, uma vez que machados de talão com dupla argola ocorrem quer em âmbito atlântico (França ociden-

tal e Sul de Inglaterra), quer em ambiente mediterrâneo destacando-se, neste eixo, os exemplares da Sardenha e da Sicília (Giardino, 1995: 218).

ARQ30 - MACHADO DE TALÃO COM UMA ARGOLA E PERFIL ROMBOIDAL (94X46X25; 245GR)

Este machado (Fig.3, n.º 1) encontra-se fragmentado ao nível do septo de divisão, restando apenas a parte da lâmina e metade da argola lateral. Apresenta uma nervura central, pouco acentuada, que se desvanece em direcção do gume cujo fio de corte é relativamente regular. A face do gume é percorrida, na parte superior, por uma nervura de espessura bastante regular que chega até à sua zona média. A patina é verde escura.

Do ponto de vista tipológico, este machado enquadra-se como um modelo característico do Noroeste ibérico, datado do BF II, produzido mais concretamente a partir do século XIII a.C. (Coffyn, 1985: 192).

Como já referido, trata-se de uma peça incompleta. A deposição de machados (e não só) fragmentados é recorrente em depósitos de metais da Idade do Bronze, como nos casos, por exemplo, do machados de talão do depósito da Quinta de Ervedal (Fundão) (Villas-Boas, 1947) ou o gume de Fonte de Alviela (Alcavena) (Cartailhac, 1886: 220).

Contudo o historial das peças do conjunto metálico de Vila Cova de Perrinho, que andaram nas mãos dos achadores durante algum tempo, impede-nos de concluir se tal fractura será da sua responsabilidade.

À semelhança do anterior, este tipo de machado, encontra-se documentado numa área bastante ampla que vai desde as costa atlântica francesa até ao Mediterrâneo centro-occidental (Giardino, 1995: 207).

MACHADO DE TALÃO COM UMA ARGOLA E PERFIL TRIANGULAR (215X35X2)

O paradeiro deste machado é desconhecido pelo que, para a sua descrição, servem as palavras de Brandão: “*apresenta nervura terminada em botão. A canelura é rectas; o topo é de rebarba alta*” (Brandão, 1963: 117) (Fig. 3, n.º 3). A sua distribuição geográfica deste tipo é assinalável sobretudo entre os rios Tejo e Douro (Coffyn, 1985: 219), particularmente na Estremadura portuguesa a partir do XI-X séc. a.C. (Cardoso, 2004: 187).

Numa escala de análise supra-regional, os machados de talão com uma argola e de perfil rectangular, encontram-se documentados quer na área atlântica, precisamente no norte da Irlanda, quer no mundo mediterrâneo, onde 5 exemplares são documentadas no depósito de Monte Sa Idda (Sardenha) (Giardino, 1995: 207).

ARQ23 - CINZEL DE ALVADO (113X21X1,4; 120 GR)

O cinzel, no topo, apresenta um alvado com secção circular que mede cerca de 14mm de diâmetro e rebordos ligeiramente espessados enquanto que, na metade inferior, a secção se torna rectangular. Encontra-se bem conservado e com patina verde escura (Fig. 3, n.º 12 e 13). Domingos Pinho Brandão considera este artefacto como sendo um machado de alvado sem anéis (Brandão, 1963: 115). De facto, esta peça, cuja origem é difícil de reconstruir, parece ter a sua filiação tipológica nos machados de alvado (Fernandez Manzano, 1986: 118 e seg.).

Os exemplares mais antigos, em âmbito europeu, são documentados na Europa do norte na fase Montelius II e Bronze D, entre os sécs. XIV e XIII a.C. (Delibes de Castro et al., 1999: 76).

Em âmbito ibérico a difusão geográfica deste tipo concentra-se, à excepção do exemplar de

Camarillas (Teruel), no ocidente peninsular (Fernandez Manzano, 1986: 118).

A falta de contextos fechados dificulta a sua atribuição cronológica. Para o exemplar de Vila Cova de Perrinho foi proposta, com base na tipologia, uma atribuição cronológica aos séculos X e IX a.C. (Delibes de Castro et al., 1999: 76).

Em território português salienta-se um outro exemplar de cinzel de alvado procedente de Penha (Guimarães), embora de dimensões ligeiramente mais reduzidas (95 mm de comprimento e 15 mm diâmetro do alvado) e com o gume menos desenvolvido (Coffyn, 1983: 181).

ARQ28 - CINZEL (172X13X13; 190 GR)

Cinzel maciço, sem qualquer decoração e com cor castanha. Apresenta uma forma sub-rectangular com contornos ligeiramente irregulares. Alguns sulcos na superfície, visíveis a olho nu, poderão ter sido provocados por remoção mecânica da patina na altura em que se deu o achado (Fig. 3, n.º 15).

ARQ27 - CINZEL (144X11X11; 115 GR)

Cinzel tipologicamente semelhante ao ARQ 28 quer na morfologia do corpo, quer na do gume, se bem que de menores dimensões. Sabe-se, segundo alguns testemunhos, que estes objectos terão sido utilizados já após a sua descoberta como suporte a uma ramada, tendo só mais tarde sido recuperados e agrupados aos outros achados de Vila Cova de Perrinho (Fig. 3, n.º 14). Devido à amplitude cronológica destas produções (cinzeis), torna-se difícil avançar com uma cronologia para estes cinzeis simples.

ARQ31 - LÂMINA DE PUNHAL (195X28X6; 85 GR)

Punhal de bronze bastante bem conservado, com lâmina, sub-triangular, provida de nervura central pronunciada. O gume é rectilíneo de um lado e mais arqueado no outro. A zona de en-

cabamento possui dois rebordos laterais, apresenta uma forma trapezoidal com dois furos, cujo diâmetro aproximado é de 5 mm e de 4 mm (Fig. 3, n.º 5).

ARQ32 - LÂMINA DE PUNHAL (125X27X6; 85 GR)

Punhal de bronze em piores condições de conservação relativamente ao anterior, apresenta-se quebrado em duas partes que se juntam na zona proximal. Apesar das zonas de ancoragem se apresentarem bastante desgastadas, devem fazer parte da mesma peça. A lâmina, incompleta na parte distal e com patina verde escura, apresenta uma forma sub-triangular e tem uma nervura bastante pronunciada. A zona de encaimento, incompleta e com patina verde clara, apresenta uma forma trapezoidal, sendo apenas perceptíveis os furos para os rebites de fixação do cabo (Fig. 3, n.º 6).

Os dois punhais de Vila Cova de Perrinho integram-se no tipo Porto de Mós, modelo com diversos paralelos no ocidente ibérico, especialmente entre o Douro e o Tejo (Coffyn, 1985: 217). Com base em critérios tipológicos (zona de encaimento trapezoidal pouco destacada da lâmina), os dois exemplares de Vila Cova de Perrinho são considerados entre os mais antigos da série (Correia, 1988: 202).

ARQ25 E ARQ26 - PULSEIRA CANELADA FRAGMENTADA EM DUAS PARTES (ARQ25: 35X33X1; 5 GR; ARQ26: 35X36X1; 10 GR)

Fragmentos de uma pulseira, bastante frágeis e corroídos nas suas extremidades. Os dois fragmentos encaixam e apresentam uma decoração constituída por caneluras perpendiculares (Fig. 3, n.º 7), encontrando-se um paralelo num par de braceletes ou pulseiras do “depósito” de Baiões (Silva, 2007: 265, est. XCVI).

ARQ33 - FRAGMENTO INDETERMINADO (78X34X3; 20 GR)

Fragmento de metal com forma sub-triangular, constituído por duas folhas sobrepostas. Uma das folhas possui face lisa e dobras que permitem o encaixe da outra, formando assim um debruado. Brandão considera este fragmento como sendo uma ponteira de bainha tal como aparece no inventário do Museu Municipal de Vale de Cambra (Fig. 3, n.º 8).

ARQ34 - FRAGMENTO INDETERMINADO DE CHAPA (135X96X1; 40 GR)

É constituído por folha de bronze com forma trapezoidal. Tem as pontas dobradas e apresenta um vinco que revela vestígios de esforço do metal, encontrando-se no geral bastante oxidado (Fig. 3, n.º 9).

ARQ35 - FRAGMENTO INDETERMINADO (112X107X1; 45 GR)

É constituído por folha de bronze, modelada e com forma sub-triangular. Também se encontram dobras, bastante oxidadas, nas extremidades. Os vincos não parecem ter sido feitos por modelagem, mas sim por esforço do metal (Fig. 3, n.º 10). Apesar de Pinho Brandão considerar os objectos ARQ34 e ARQ35 como indeterminados, têm sido sucessivamente apresentados como fragmentos de capacete (Coffyn, 1983: 174).

ARQ24 - FRAGMENTO DE COLAR (?) (168X11X11; 140 GR)

Trata-se de um fragmento com secção cilíndrica e forma alongada, sendo mais fino numa das extremidades. Apresenta uma superfície lisa, regular, coberta por uma espessa patina verde escura. A peça parece ter sido fracturada (Fig. 3, n.º 11).

VASO CERÂMICO

Finalmente, Pinho Brandão refere a existência de um vaso cerâmico com paradeiro actualmente desconhecido. A sua pasta seria grosseira e micácea. Exteriormente apresenta um tom escuro, mas interiormente a pasta é avermelhada.

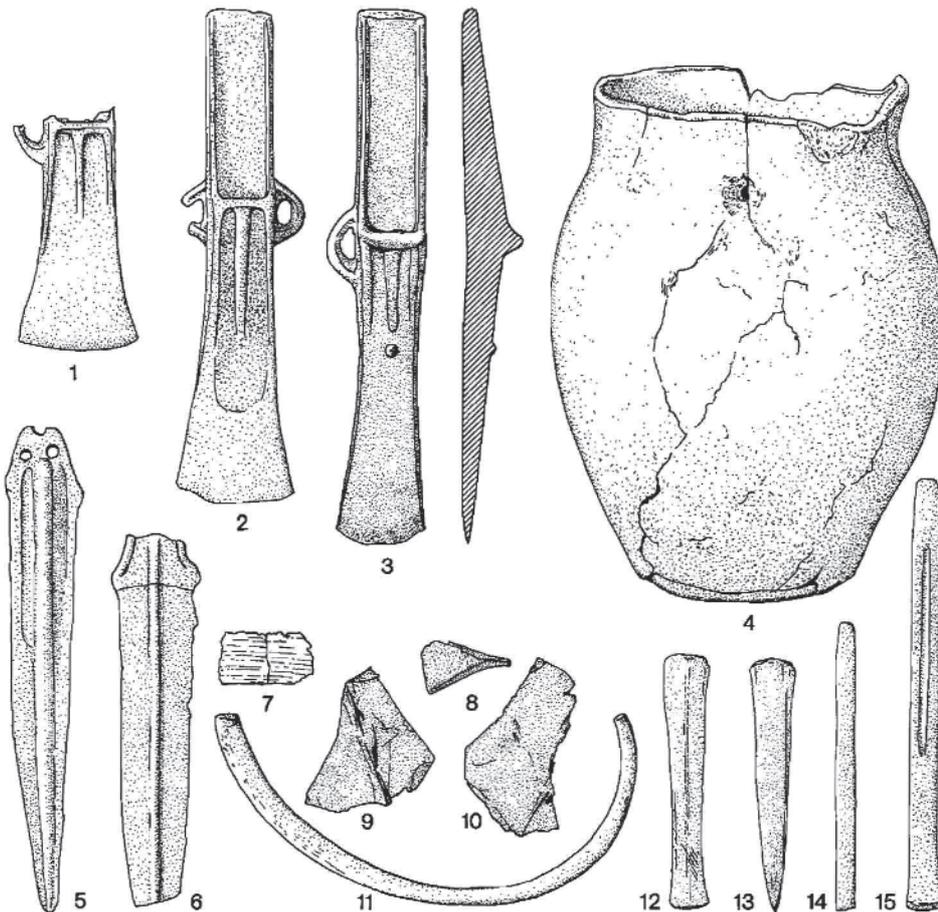


Figura 3. – Desenho do conjunto (Kalb 1980, p. 43)

O vaso mede 196 mm de altura, o bojo tem 170 mm e a boca 142 mm de diâmetro. A espessura das paredes varia entre 8 e 10 mm (Brandão, 1963: 115).

O CONJUNTO METÁLICO NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DO ROSSIO

Uma visualização macroscópica do território aqui em estudo leva-nos a crer, pelas suas características naturais e antrópicas, que se trata de uma unidade arqueológica de elevada importância, não só pela diversidade de indícios como pela cronologia para eles apontada. De-

terminando grosseiramente a área, numa extensão de 1,5km² registam-se cerca de 8 “sítios” atribuídos ao Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze. Destes, 7 revelam uma índole funerária - Mamoas 1² e 4 do Rossio, as 4 Mamoas do Crasto e a Necrópole do Rossio³, restando um eventual povoado proto-histórico (Silva, 1998), (Queiroga, 2001: 109-121) e (Silva, 1997: 41-42).

Os monumentos funerários do tipo mamoa são de modo geral discretos na paisagem, apenas identificáveis nas suas imediações, possuindo

alturas que variam entre os 20 e os 50 cm e diâmetros entre o 4 e os 7 m, à excepção da Mamoa 1 do Crasto com 1 m de altura e 15 m de diâmetro. A Necrópole do Rossio corresponde actualmente a um conjunto de cinco fossas ovóides, abertas no solo, com um diâmetro médio de 1 m e uma profundidade com cerca de 90 cm (Queiroga, 2001: 120). Da intervenção efectuada em 2000 resultou o aparecimento de vários fragmentos de cerâmica grosseira em duas fossas, cuja notícia ainda se aguarda com alguma expectativa.

Se relativamente aos indícios arqueológicos que referimos atrás podemos apontar uma localização exacta ou aproximada, já não podemos dizer o mesmo quanto ao eventual povoado proto-histórico (*castro*) ou habitat aberto, como refere Francisco Queiroga (Queiroga, 2001: 116). Nesta situação em particular a toponímia abunda sem que se consiga determinar com segurança uma provável localização. Talvez o problema aqui resida na abordagem efectuada ao território que individualiza cada um dos indícios e os trata diferentemente, em detrimento de uma observação de conjunto. Em todo o caso, nas imediações do “Rossio” encontramos topónimos como “Monte Crasto” a Oeste, “Crasto de Cambra” a Este, “Viso da Mó” a Sudoeste, “Pena” e “Carvalho Chão” a Sul, todos topónimos associáveis a povoados proto-históricos. Em ambos os casos, associadas à toponímia, existem também condições naturais atribuíveis a esse tipo de ocupação, sendo esta a informação que a bibliografia actual nos fornece.

No entanto, e a propósito do conjunto metálico conhecido como de Vila Cova de Perrinho, que tem vindo a ser referenciado como um “depósito”/“esconderijo”, recolhemos informações que, não sendo inéditas, parecem actualmente apenas existir na memória local do achado ou têm sido ignoradas, uma vez que delas conseguimos inferir, pelo menos, dois achados em

locais e alturas diferentes.

Desconhecemos o motivo pelo qual a partir de determinada altura se altera o conceito por detrás do achado, sendo certo que a ideia do “depósito”/“esconderijo” ganhou força e solidificou-se sem que lhe seja apontado um motivo. A bibliografia contemporânea consultada, nomeadamente aquela produzida a partir dos finais da década de 70 do século XX, refere-se ao achado deste metais como um provável “depósito”/“esconderijo”, por exemplo (Monteagudo, 1977), (Kalb, 1980: 41, 43), (Coffyn, 1983: 172, id. 1985: 390), (Silva, 1997: 42), (Melo, 2000: 36), (Silva, 2003: 206), (Vilaça, 2006: 67), (Silva, 2007). Em 2001 é aventada a hipótese de se tratar de um núcleo de entesouramento, acrescentando-lhe um valor mais significativo que o mero “depósito” metalúrgico (Queiroga, 2001: 126), contrariando a comunicação de Domingos Pinho Brandão. Finalmente, Marisa Ruíz-Galvés Priego (Ruíz-Galvez Priego, 1995: 25), ao referir o carácter heterogénio deste “depósito”, relaciona-o com pontos de passagem ou cruzamento de vias.

Não especificando uma ordem cronológica, que por enquanto não é possível estabelecer, um dos achados ocorreu numa área a cerca de 60m para Oeste do sítio arqueológico conhecido como Necrópole de Rossio, num espaço associado a uma habitação particular. Os testemunhos recolhidos, apesar de se contradizem no que respeita à descoberta de objectos metálicos, destacam o aparecimento de, pelo menos, um vaso de cerâmica com as mesmas características daquele publicado por Pinho Brandão (Brandão, 1963: 115). Também ficamos a saber que tais objectos foram retirados do interior de manchas circulares de tonalidade diferente do restante solo, semelhantes às encontradas na área identificada actualmente como Necrópole do Rossio, tal como refere o proprietário da casa.

O outro achado corrobora, em parte, o apontamento de Domingos Pinho Brandão quando diz que “apareceram os objectos ao arrancar um eucalipto, a uns 15 cm da superfície, em 1959 ou 1960” (Brandão, 1963: 114). O testemunho recolhido⁴ refere que se encontraram 5 objectos, a uns 20 cm de profundidade, quando se abria uma vala para plantar um eucalipto. Do conjunto enumera a existência de uma “latinha” de chapa que se terá desfeito no momento em que cavava o solo, uns objectos semelhantes a “machadinhas” e outros que mencionou como “sabres” com cabo, tendo especificado assemelharem-se a baionetas utilizadas em espingardas, com uma lâmina semelhante ao de uma faca (parte superior mais grossa e inferior com gume) e medindo entre 15 cm a 20 cm.

O seguimento dado aos objectos é aquele referido por Domingos de Pinho Brandão (Brandão, 1963: 114). Tendo, a pedido do Sr. Ângelo Soares Moreira, sido entregues ao Dr. Ems Ribeiro e cujos herdeiros os doaram ao Museu Municipal de Vale de Cambra.

Procurando saber se o que havia encontrado corresponderia ao conjunto à guarda do Museu Municipal, não identificou nenhum dos objectos, reconhecendo apenas que eram da mesma cor e material. Revelou alguma hesitação quando visualizou o machado de talão partido (ARQ30), sem que o confirmasse definitivamente, não reconhecendo também o machado de talão com duplo anel (ARQ29). Quando confrontado com as lâmina de punhal (ARQ31 e ARQ32) não os reconheceu, tendo o mesmo acontecido com os escopros e cinzeis (ARQ23, ARQ27 e ARQ28). Da mesma forma não atribuiu à “latinha” nenhum dos fragmentos de metal (ARQ33, 34 e 35), acontecendo o mesmo com o fragmento de colar (?) (ARQ24), e com a pulseira canelada (ARQ25 e 26).

Também, relativamente aos objectos metálicos,

Domingos Pinho Brandão refere que “foi encontrado juntamente com eles um vaso de cerâmica lisa, com a forma acampanulada e sem asas”, não definindo em termos rigorosos a relação entre estes objectos. Contudo, tendo em conta a natureza da informação apresentada pelo autor, as informações recolhidas no terreno e, finalmente, as dimensões do vaso e do conjunto metálico não nos parece suportada a hipótese de os metais terem sido encontrados dentro do recipiente cerâmico (Vilaça, 2006: 67) e (Fernández García, 1997: 119).

Tendo em conta as informações que expusemos, e apesar de vários autores se referirem explicitamente à comunicação original de Domingo Pinho Brandão, será que a determinada altura registaram a sua hesitação quando diz que “Estamos, assim o cremos, na presença de um espólio de sepultura” (Brandão, 1963: 114).

CONCLUSÃO

O presente estudo representa uma primeira abordagem à reavaliação do conjunto metálico de Vila Cova de Perrinho, cuja compreensão torna necessária uma contextualização prévia do(s) achado(s), que servirá de base para os estudos analíticos de composição química que estão a decorrer.

Como metodologia, além das fontes bibliográficas, consultamos as informações contidas nos jornais da época que procuramos confirmar, através da recolha de testemunhos e observações no terreno, nas várias deslocações efectuadas ao local onde apareceram os objectos.

A falta de controlo rigoroso na altura em que se deu o achado impede, de facto, uma inequívoca interpretação.

Do que apuramos, não existe elemento algum que nos confirme estarmos perante um único achado. Pelo contrário, todos os indícios pare-

cem apontar para um conjunto de achados que resultaram num agrupamento de objectos metálicos, sugerindo estarmos perante “*interpretações mais ou menos livres de associações e contextos, inventando-se depósitos que nunca existiram*” (Vilaça, 2006: 35), uma vez que nenhum dos entrevistados, intervenientes directos dos factos ocorridos há 50 anos, reconheceu o conjunto metálico em parte ou no seu todo. Apenas houve o reconhecimento hesitante de um machado (ARQ30) e a menção segura ao vaso cerâmico em contexto de sepultura, sem associação de objectos metálicos levantando, também, dúvidas sobre o que refere Pinho Brandão relativamente às circunstâncias do(s) achado(s).

A real compreensão deste conjunto passará forçosamente pela realização de estudos sistemáticos sobre a área do Rossio (Vila Cova de Perrinho), em virtude do conhecimento de outros indícios arqueológicos nas imediações e que lhe poderão estar associados, como é o caso da Necrópole do Rossio. A relação a estabelecer encontra-se no aparecimento do vaso cerâmico no pátio de uma residência, no interior de “*manchas de terra mais escura e mole*” com um diâmetro que rondará “1 m”, segundo o testemunho peremptório do proprietário dessa residência.

Finalmente, apresentamos os pontos de força da análise crítica às referências na bibliografia, por nós consultada, tendo em conta as informações recolhidas no local:

- Os objectos parecem ter origem em diversos achados dispersos no tempo e no espaço;

- A focalização no(s) achado(s) em si, e a sua definição como “depósito”, não permite a percepção da provável interligação entre indícios arqueológicos existentes na área do Rossio, Vila Cova de Perrinho;

- A definição como “depósito”, choca

com a memória viva dos eventos ocorridos, faz agora cerca de 50 anos;

- Não será descabido que algumas peças possam, efectivamente, pertencerem a um eventual “depósito”.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, D. P. (1963): Achado da "época do bronze" de Vila Cova de Perrinho - Vale de Cambra, *Lvcerna*, 3, 114-118.

CARDOSO, J. L. (2004): O Bronze Final na Extremadura, *Estudios Arqueológicos de Oeiras*, 12, 177-226.

CARTAILHAC, E. (1886): *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris: Reinwald.

COFFYN, A. (1983): La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal, *O Arqueólogo Português*, IV (1), 169-196.

COFFYN, A. (1985): *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris: Diffusion de Bocard.

CORREIA, V. (1988): Um punhal do Bronze final, de Arraiolos, *Arqueologia*, 17, 201-203.

DELIBES DE CASTRO, G., FERNÁNDEZ MANZANO, J., FONTANEDA PÉREZ, E. & ROVIRA LLORENS, S. (1999). *Metallurgia de la Edad del Bronce en el piedemonte meridional de la Cordillera Cantábrica*, Zamora: Junta de Castilla y León - Consejería de Educación y Cultura, Arqueología en Castilla y León.

FERNÁNDEZ GARCÍA, S. (1997): Los puñales tipo "Porto de Mos" en el Bronce Final de la Península Ibérica, *Complutum*, 8, 97-124.

FERNÁNDEZ MANZANO, J. (1986): *Bronce Final en la Meseta Norte Española: el utilaje metálico*, Almazan (Soria): Junta de

Castilla y Leon - Consejeria de Education y Cultura.

GIARDINO, C. (1995): *Il Mediterraneo Occidentale fra XIV ed VIII secolo a. C. Cerchie metallurgiche e minerarie*, Oxford: British Archaeological Reports - S612.

KALB, P. (1980): Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 58 (1-2), 25-59.

MELO, A. A. (2000): Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal do Fiéis de Deus, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3 (1), 15-120.

MONTEAGUDO, L. (1977): Die Beile Auf Der Iberischen Halbinsel. In *Prähistorische Bronzefunde*. XI - Band 6. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung.

PEREIRA, F. A. (1903): Machados de duplo anel, *O Archeólogo Português*, 1 (8), 132-136.

QUEIROGA, F. (2001): *Inventário Patrimonial de Vale de Cambra: I - Arqueologia*, Vale de Cambra: Câmara Municipal de Vale de Cambra.

RUÍZ-GALVEZ PRIEGO, M. (1995). *Depósitos del Bronce Final: sagrado o profano? Sagrado y, a la vez, profano?*, Madrid: Complutum, Ritos de paso y puntos de paso. la ría de huelva en el mundo del bronce final europeo.

SILVA, A. C. F. (2007): *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SILVA, A. M. S. P. (1997): Povoados Proto-históricos de Vale de Cambra: elementos para uma Carta Arqueológica concelhia, *Boletim Cultural de Vale de Cambra*, 1, 34-46.

SILVA, A. M. S. P. (2003): O Projecto "Paivar", um plano de investigação arqueológica de âmbito regional, *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*, I (2), 199-222.

SILVA, F. A. P. (1998): Mamoá 1 do Rossio (Vila Cova de Perrinho - Vale de Cambra), *Boletim Cultural de Vale de Cambra*, 2, 3-19.

VILAÇA, R. (2006): Depósitos de Bronze do território português. Um debate aberto, *O Arqueólogo Português*, IV (24), 9-150.

VILLAS-BOAS, J. S. (1947): *Nuevos elementos del Bronce Atlántico en Portugal*. In *Crónica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español* (Albacete, 1946) (pp. 156-161). Albacete: Imp. Provincial.

NOTES

¹ Agradecemos desde já, à Câmara Municipal de Vale de Cambra e ao seu Museu Municipal, a disponibilidade no acesso aos objectos à sua guarda.

² Esta mamoa foi intervencionada em 1995 por Fernando Augusto Pereira da Silva, encontrando-se à data num avançado estado de degradação. No seu lugar existe hoje uma oficina automóvel (Silva, 1998).

³ Esta necrópole foi identificada em 2000 no decorrer dos trabalhos para a construção de uma estufa para floricultura, sendo na altura proprietário o Sr. Joaquim Soares de Oliveira que proporcionou a realização de trabalhos arqueológicos levados a cabo por António Manuel Silva, Fernando Augusto Pereira da Silva e Manuela C. S. Ribeiro. Agradecemos à esposa e herdeiros do Sr. Joaquim Soares de Oliveira o valioso contributo e disponibilidade.

⁴ Junto do Sr. Joaquim Oliveira (do Pinhel), residente no Rossio e autor deste achado, a quem, também, agradecemos as informações prestadas.